

MIEP GIES
com Alison Leslie Gold

A MULHER
QUE ESCONDEU
ANNE FRANK

Tradução de
Iris Figueiredo

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2019

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Copyright © 1987 por Miep Gies e Alison Leslie Gold.
Todos os direitos reservados. Publicado por acordo com Simon & Schuster, Inc.,
a editora original da obra.

Título: *A Mulher que Escondeu Anne Frank*
Título original: *Anne Frank Remembered – The Story of the Woman Who Helped
to Hide the Frank Family*
Autoras: Miep Gies e Alison Leslie Gold
Tradução: Iris Figueiredo
Adaptação e revisão: Joaquim E. Oliveira
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Vera Braga/Alma dos Livros
Imagens de capa: Casa Anne Frank e Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.
Depósito legal:
1.ª edição: julho de 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

«Segunda-feira, 8 de maio de 1944
A Miep parece estar sempre a pensar em nós...»

Anne Frank

Índice



PRÓLOGO • 9

PRIMEIRA PARTE

Refugiados • 11

SEGUNDA PARTE

No esconderijo • 99

TERCEIRA PARTE

Os dias mais sombrios • 195

EPÍLOGO • 255

POSFÁCIO • 261

AGRADECIMENTOS • 277

Prólogo



Não sou uma heroína. Estou no fim de uma longa, muito longa fila de bondosos holandeses que fizeram o mesmo – ou muito mais – que eu no curso daqueles tempos sombrios e tenebrosos, que, no coração de todos os que os testemunhámos, parecem ter acontecido ontem. Nem um dia se passa sem que me lembre do que aconteceu naqueles anos.

Mais de vinte mil holandeses ajudaram a esconder judeus e outras pessoas que também precisaram de refúgio naqueles tempos. Fiz de bom grado tudo o que podia para ajudar. O meu marido também. Mas não foi o bastante.

Nada tenho de especial. Nunca quis chamar a atenção. Só estava disposta a fazer o que me pediam e o que parecia necessário na altura. Quando me convenceram a contar a minha história, tive de pensar no lugar que Anne Frank ocupa na História e o que a *sua* história passou a significar para milhões de pessoas que por ela foram tocadas. Contaram-me que todas as noites, mal o Sol se põe, num qualquer lugar do mundo, há um pano que sobe atrás do palco para uma peça baseada no *Diário* de Anne. Tendo em consideração as muitas edições de *Het Achterhuis* («O Anexo») e as muitas traduções da história de Anne, a sua voz chegou aos cantos mais distantes da Terra.

Alison Leslie Gold, minha colaboradora, disse-me que as pessoas também reagiriam às minhas memórias sobre aqueles terríveis eventos. Hoje, todos os envolvidos estão mortos, só restamos eu e o meu marido. Narro os factos tal como me lembro.

Para manter o espírito da versão original do *Diário* de Anne, decidi usar os mesmos nomes que ela inventou para muitos dos envolvidos. Anne fez uma lista de pseudónimos, que foi encontrada entre as anotações que fez. Aparentemente, queria preservar a identidade das pessoas, caso alguma das suas experiências secretas fosse publicada depois da guerra. O meu apelido, por exemplo, bastante comum na Holanda, era Miep, e Anne não se preocupou em mudá-lo. O nome do meu marido, Jan, foi alterado para «Henk». E o nosso apelido, Gies, passou a ser «Van Santen».

Quando o *Diário* foi publicado pela primeira vez, o Sr. Frank decidiu usar os nomes que Anne inventara para todos, com exceção do da sua própria família, respeitando a privacidade dos envolvidos. Para ser fiel ao diário de Anne, e também por respeito pela sua privacidade, fiz o mesmo, usando variações dos nomes dados por ela ou nomes que inventei para pessoas não referidas no diário. A exceção mais notável é que, desta vez, usei o meu apelido verdadeiro, Gies. A identidade real de todas as pessoas está cuidadosamente documentada nos arquivos oficiais dos Países Baixos.

Alguns casos houve em que, mais de cinquenta anos volvidos, muitos detalhes dos eventos narrados neste livro foram, em parte, esquecidos. Reconstituí conversas e acontecimentos da maneira o mais próxima possível das minhas lembranças. Não é fácil visitar essas memórias com tanto detalhe. Mesmo com o passar dos anos, não se torna mais fácil.

A minha história é a vivência de gente comum durante um período terrível e extraordinário. Tempos que espero, com todo o meu coração, nunca, nunca voltem. A minha história é para que nós, banais cidadãos do mundo inteiro, saibamos o que aconteceu e jamais deixemos que se repita.

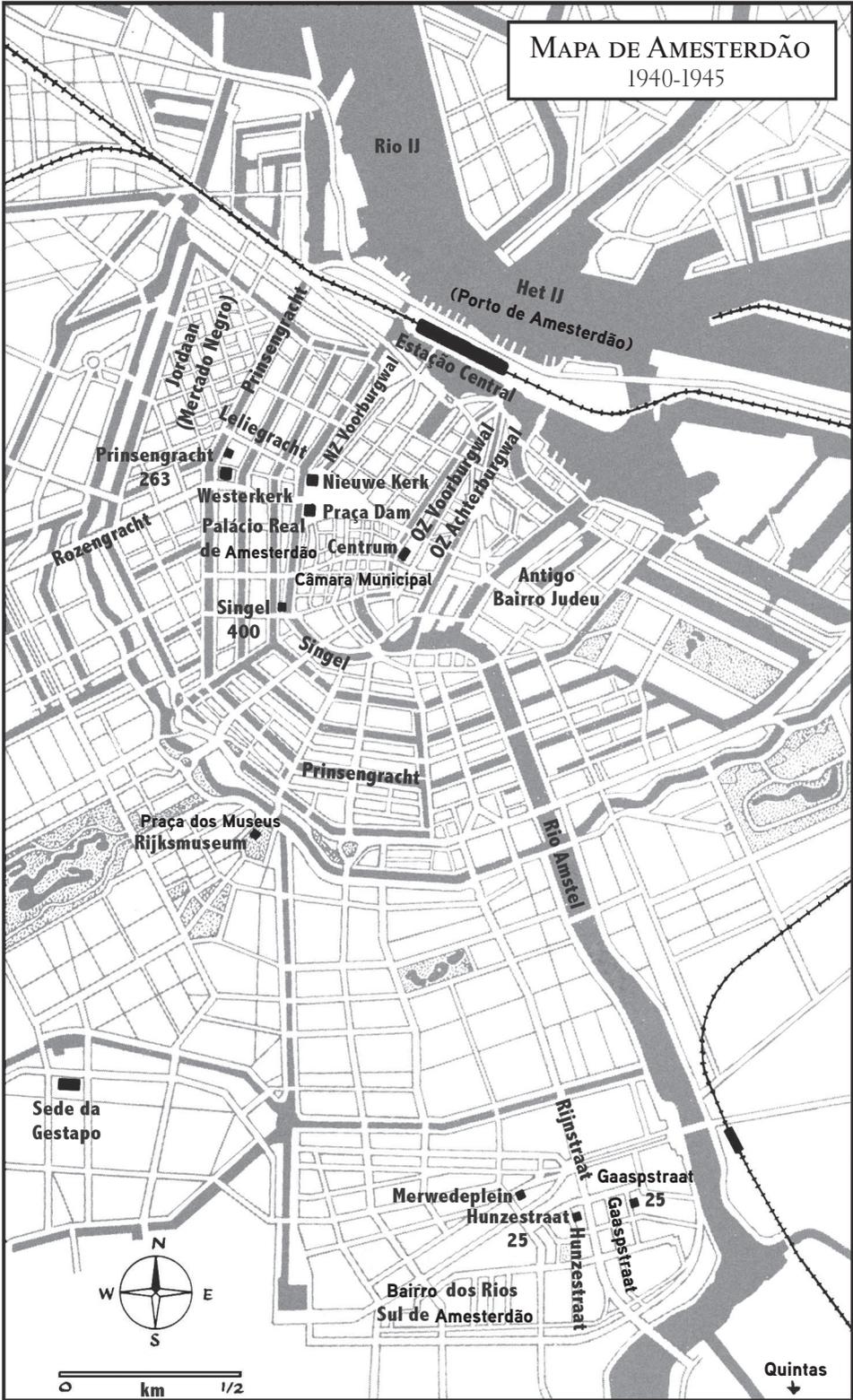
Miep Gies

PRIMEIRA PARTE

REFUGIADOS



MAPA DE AMSTERDÃO
1940-1945



Capítulo Um



Em 1933, eu e os meus pais adotivos, os Nieuwenhuis, vivíamos no número 25 da Gaaspstraat, a rua onde eu partilhava um pequeno e aconchegante quarto no sótão com a minha irmã adotiva, Catherina. O nosso bairro ficava numa região pacata a sul de Amesterdão, conhecida como o Bairro dos Rios, porque as ruas tinham nomes de famosos rios holandeses e europeus que cortavam os Países Baixos até ao mar, como o Reno, o Mosa, o Jeker. O Amstel praticamente corria no nosso quintal.

O bairro foi construído durante os anos 1920 e no início dos anos 1930, numa fase em que grandes empresas progressistas edificaram blocos habitacionais com a ajuda de empréstimos do governo. Todos nós estávamos bastante orgulhosos dessa evolução na forma de tratar os mais simples trabalhadores: casas confortáveis, canalização, jardins arborizados nas traseiras de cada bloco. Vários desses blocos foram construídos exclusivamente por empresas privadas.

Na verdade, o nosso bairro não era totalmente calmo e pacato. Havia quase sempre crianças animadas que o enchiam com os seus gritos e gargalhadas; se não brincavam, assobiavam para chamar as outras para as brincadeiras. Cada grupo de amigos

tinha um assobio alto e exclusivo com que se chamavam uns aos outros e identificavam quem estava lá fora. As crianças andavam sempre juntas, em pequenos grupos a caminho da piscina, do parque Amstel ou à conversa, numa cadência em que parecia que cantavam quando iam e vinham da escola. As crianças holandesas, tal como os seus pais, aprendiam muito cedo a ideia da lealdade aos amigos, e podiam tornar-se implacáveis se algo de mau acontecesse a algum deles.

A Gaaspstraat era muito parecida com as outras ruas, repleta de edifícios de cinco andares. Por todo o lado, havia portas que davam acesso a escadas íngremes. Os prédios eram de tijolo castanho-escuro e tinham telhados inclinados cor de laranja. Havia janelas à frente e nas traseiras, todas de madeira e pintadas de branco, cada uma delas com cortinas rendadas diferentes, e sempre com flores ou plantas nos parapeitos. O nosso quintal estava repleto de ulmeiros.

A meio do caminho, havia uma praceta relvada e, do outro lado, uma igreja católica, cujos sinos marcavam o dia e dispersavam os pássaros pelo céu: pardais, pombos, que se mantinham nos telhados, e gaivotas. As omnipresentes gaivotas.

O nosso bairro era limitado a leste pelo Amstel, com os seus barcos a ir e a vir, e a norte pela majestosa Avenida Zuideramstel, na qual circulava o elétrico número 8; cresciam álamos de ambos os lados, em linhas retas paralelas. A Zuideramstel Lan encontrava a Scheldestraat, uma das ruas comerciais da vizinhança, repleta de mercearias, cafés e floristas com vasos de flores vibrantes e frescas.

Mas Amesterdão não era a minha cidade natal. Nasci em Viena, Áustria, em 1909. Por volta dos meus cinco anos, estourou a Grande Guerra. Nós, miúdos, não tínhamos maneira de saber que a guerra havia começado até ao dia em que ouvimos os soldados a marchar pelas ruas. Lembro-me de ter ficado empolgadíssima e de ter corrido até à rua para os ver. Eu reparava nos uniformes, nos equipamentos e nas muitas manifestações passionais do povo. Para ver melhor, corri entre os cavalos e os

homens em marcha. Um bombeiro agarrou-me, ergueu-me nos braços e levou-me para casa, enquanto eu esticava o pescoço para ver mais.

Em Viena, havia prédios antigos longe das melhores condições, erguidos em redor de pátios centrais e divididos em vários apartamentos ocupados por trabalhadores. A minha família vivia num desses apartamentos escuros. O bombeiro levou-me de volta à minha ansiosa mãe e partiu.

– Há soldados nas ruas. Não é seguro. Não vás lá para fora – disse a minha mãe em tom severo.

Eu não entendi, mas fiz o que me foi pedido. Toda a gente agia de modo estranho. E eu era muito pequena. Lembro-me muito pouco daqueles dias, exceto de dois tios que viviam connosco e que tiveram de ir para a guerra, e que a vida mudou muito depois disso.

Ambos voltaram em segurança e, naquela altura, um deles já era casado. Nenhum deles voltou a viver connosco. Quando a guerra chegou ao fim, eu vivia apenas com a minha mãe, o meu pai e a minha avó.

Nunca fui uma menina muito forte e, por força dos severos racionamentos de comida durante a guerra, fiquei subnutrida e doente. Para começar, eu era pequenina e parecia definhar em vez de crescer normalmente. As minhas pernas pareciam palitos com joelhos ossudos, e os meus dentes eram frágeis. Quando fiz dez anos, os meus pais tiveram outra filha, o que significava que haveria ainda menos comida para todos. A minha saúde foi-se agravando e disseram aos meus pais que tinham de fazer qualquer coisa; caso contrário, eu podia morrer.

Mas, graças a um programa organizado por trabalhadores estrangeiros para socorrer crianças austríacas que passavam fome, foi traçado um plano que me podia salvar do meu destino fatal. Fui enviada para um país distante chamado Holanda, com filhos de outros trabalhadores austríacos, para ser alimentada e recuperar a saúde.

Era inverno – sempre cruel em Viena –, dezembro de 1920. Eu estava embrulhada na roupa que os meus pais conseguiram

arranjar, e fui despachada para a cavernosa estação ferroviária de Viena. Esperámos durante várias horas e foram muitas as crianças doentes que se juntaram a nós. Os médicos deram-me uma olhadela, examinando o meu corpo magro e fraco. Embora tivesse 11 anos, aparentava ser muito mais nova. Os meus cabelos ralos e loiro-escuros estavam presos por uma fita de algodão. Tinha um cartão pendurado ao pescoço, e nele estava impresso um nome desconhecido, o nome de alguém que eu nunca tinha visto.

O comboio estava cheio de crianças como eu, todas com cartões pendurados ao pescoço. De repente, começou a mover-se, e deixei de ver os rostos dos meus pais. Todas as crianças estavam assustadas e apreensivas sobre o que nos iria acontecer. Algumas choravam. A maioria nunca tinha saído da própria rua, e muito menos de Viena. Eu sentia-me demasiado fraca para ficar a olhar, mas descobri que o movimento constante do comboio me deixava sonolenta. Adormecia e acordava, e a viagem continuava, continuava...

A meio da noite, estando muito escuro lá fora, o comboio parou e nós fomos acordados pelo safanão da travagem e levados lá para fora. Na placa ao lado do comboio ainda fumegante estava escrito LEIDEN.

Pessoas que falavam connosco numa língua completamente desconhecida guiaram-nos até um salão amplo, com o pé direito alto, e mandaram-nos sentar em cadeiras de madeira com encostos duros. Ficámos lado a lado, em longas fileiras. Os meus pés não chegavam ao chão. E eu tinha muito, muito sono.

Do lado oposto à multidão de crianças doentes e exaustas, estava um grupo de adultos. De súbito, vieram ter connosco como um enxame e começaram a verificar os nossos cartões, a ler os nomes. Éramos impotentes para resistir àqueles seres ameaçadores com mãos inábeis.

Um homem não muito alto, mas de aparência forte, leu o meu cartão.

– *Ja* – disse com firmeza, e pegou-me na mão, ajudando-me a descer da cadeira e guiando-me até lá fora. Acompanhei-o sem sentir medo.

Cruzámos uma cidade, passando por prédios muito diferentes daqueles que eu tinha visto em Viena. A Lua brilhava, suave, luminosa. O ar era límpido. O luar permitia ver bem, e eu olhava com atenção para onde estávamos a ir.

Vi que nos afastávamos da cidade. Deixara de haver casas, já não havia árvores. O homem começara a assobiar. *Deve ser agricultor*, pensei. *Deve estar a assobiar para chamar o cão*. Eu tinha muito medo de cães de grande porte. Senti um aperto no coração.

Continuámos a andar e não apareceu nenhum cão, e, de repente, surgiram mais casas. Fomos até uma porta, que logo se abriu, e subimos as escadas. Uma mulher com um rosto de traços proeminentes e olhos gentis estava parada numa sala. Olhei para dentro da casa e, no extremo de um patamar da escada, avistei várias pequenas caras de crianças, todas a olhar para mim. A mulher deu-me a mão e levou-me para uma outra sala, onde me serviu um copo de leite espumoso. Depois guiou-me escada acima.

Todas as crianças tinham desaparecido. A mulher levou-me para um pequeno quarto, no qual havia duas camas. Numa delas, estava uma rapariga da minha idade. A mulher tirou todas as camadas de roupa que eu vestia, desfez o laço do meu cabelo e deitou-me entre os cobertores da outra cama. O calor envolveu-me. As minhas pálpebras fecharam-se, e adormeci.

Jamais me esquecerei daquele dia.

Na manhã seguinte, a mesma mulher veio até ao quarto, vestiu-me com roupa limpa e levou-me para o andar de baixo. Ali chegadas, estavam sentados à mesa o homem forte, a rapariga com quem dividi o quarto, da mesma faixa etária que eu, e quatro rapazes de diferentes idades; todos os rostos que me encararam na noite anterior olhavam agora para mim, curiosos, à volta da mesa. Não entendi nada do que disseram e eles não perceberam nada do que eu disse, até que o rapaz mais velho, que estava a estudar para ser professor, começou a falar um pouco de alemão, que havia aprendido na escola, traduzindo as coisas mais simples. Tornou-se no meu intérprete.

Apesar da barreira da língua, todas as crianças foram simpáticas comigo. Na minha situação de miséria, a gentileza era essencial.

Era um remédio tão importante quanto o pão, a marmelada, o bom leite holandês, a manteiga e o queijo, o calor dos quartos. E, ahhh... os flocos de chocolate, conhecidos como «granizo», e os outros pedaços de chocolate, chamados «ratinhos», que me ensinaram a pôr em pães besuntados de manteiga – delícias que eu jamais havia imaginado.

Volvidas algumas semanas, recuperei um pouco da minha força. Todas as crianças andavam na escola, incluindo o mais velho, o meu intérprete. Toda a gente acreditava que a maneira mais rápida de uma criança aprender holandês era frequentando uma escola holandesa. E o homem voltou a pegar-me na mão e levou-me até à escola local, onde teve uma longa conversa com o diretor.

– Pois que venha para a nossa escola – disse o diretor.

Em Viena, eu andava no quinto ano, mas em Leiden fui colocada no terceiro. Quando o diretor me levou à sala desconhecida, explicando aos alunos, em holandês, quem eu era, todos me quiseram ajudar; foram tantas as mãos que vieram em meu auxílio que eu nem sabia em qual segurar primeiro. Fui adotada por todos. Há um conto infantil sobre um bebé que é levado por uma enchente num berço de madeira e que fica a boiar em águas violentas, correndo o perigo de se afundar, quando um gato salta para o berço e pula de um lado para o outro, equilibrando-o até que toca em terra firme outra vez e o bebé fica a salvo. Eu era o bebé, e todos aqueles holandeses eram os gatos.

No fim do mês de janeiro, já era capaz de compreender e dizer algumas palavras em holandês. Na primavera, era a melhor da turma.

A minha estada na Holanda devia ter durado três meses, mas eu ainda estava fraca findo daquele período, e os médicos alargaram-na por mais três meses, e, depois, por mais outros três. Rapidamente, a família começou a incorporar-me, considerando-me parte dela. Os rapazes diziam:

– Temos duas irmãs.

O homem que eu começava a olhar como pai adotivo era supervisor numa companhia de carvão de Leiden. Apesar de já

terem cinco filhos, e embora não fossem abastados, aquele homem e a sua mulher partiam do princípio de que onde comiam sete, oito também podiam comer; e assim rapidamente revigoraram aquela pequena criança faminta de Viena. A princípio chamavam-me pelo nome, Hermine, mas, à medida que o gelo entre nós se foi quebrando, acharam-no demasiado formal e começaram a tratar-me por um carinhoso apelido holandês, Miep.

Eu levava a vida na Holanda com naturalidade. *Gezellig*, ou aconchego, é o lema holandês. Aprendi a andar de bicicleta e a barrar manteiga nos *dois* lados das fatias de pão. Aquelas pessoas ensinaram-me a gostar de música clássica, e era minha obrigação ser politicamente consciente, ler o jornal todas as tardes e depois discutir o que tinha lido.

Só falhei miseravelmente num aspeto da vida holandesa. Quando o inverno se tornou forte o bastante para congelar as águas do canal, os Nieuwenhuises agasalharam-me, assim como aos outros filhos, e levaram-nos até ao canal congelado. Era uma atmosfera festiva: havia barraquinhas de venda de chocolate quente e de leite de anis; viam-se famílias inteiras a patinar juntas, uma atrás da outra, de braços enganchados num longo poste para se balançarem à volta dele. O horizonte era sempre plano e luminoso, com o Sol avermelhado do inverno.

Eles ataram, com tiras de couro, um par de patins de madeira com lâminas onduladas aos meus sapatos e empurraram-me para a superfície gelada. Apercebendo-se do meu pânico, puseram uma cadeira de madeira no gelo e ensinaram-me a empurrá-la à minha frente. O meu tormento deve ter sido visível, porque fui logo guiada até à margem do canal. Congelada e arrasada, lutei para desatar os cordões de couro húmidos com as mãos sem luvas. Os nós não cediam, e os meus dedos foram ficando cada vez mais congelados. Senti uma raiva e uma angústia crescentes e jurei a mim mesma que jamais me voltaria a ver ao pé do gelo. E cumpri essa promessa.

Por volta dos meus 13 anos, toda a família se mudou para o sul de Amesterdão, para um bairro onde todas as ruas tinham nomes

de rios. Ainda que essa zona ficasse nos limites de Amesterdão, nas margens do rio Amstel, com pastos verdejantes e vacas malhadas a pastar, nós morávamos na cidade. Eu adorava a vida urbana. Encantava-me, em particular, com os elétricos de Amesterdão e com os canais, as pontes e as barragens, os pássaros, os gatos, as bicicletas em alta velocidade, as barracas de flores resplandecentes e as bancas cheias de arenque, os antiquários, as casinhas com telhados decorados, os teatros, os cinemas e as sociedades políticas.

Em 1925, tinha eu 16 anos, os Nieuwenhuises levaram-me a Viena para que eu reencontrasse os meus pais. Fiquei surpreendida com a beleza da cidade, mas senti estranheza ao lado daquelas pessoas que já não me eram familiares. A visita foi chegando ao fim e a minha ansiedade pela partida aumentou. Apercebendo-se disso, a minha mãe biológica teve uma conversa honesta com meus pais adotivos.

– É melhor que Hermine volte para Amesterdão convosco. Ela já «é» holandesa. Acho que não ficaria feliz se ficasse em Viena.

O nó que trazia no peito desfez-se e senti um grande alívio.

Não queria magoar a minha família biológica, e ainda era jovem e precisava da sua autorização. Mas queria desesperadamente voltar à Holanda. A minha sensibilidade era holandesa, e a natureza dos meus sentimentos também.

No fim da adolescência, uma parte de mim voltou-se para dentro. Fiquei mais independente e comecei a ler e a refletir sobre Filosofia. Lia Spinoza e Henri Bergson. Comecei a preencher cadernos com os meus pensamentos mais íntimos, anotava tudo sem cessar. Escrevia em segredo, apenas para mim mesma, não para discutir. Eu tinha um desejo profundo de entender a vida.

Com a mesma velocidade com que me invadiu, a paixão pela escrita de diários desapareceu. De repente, senti-me envergonhada, autoconsciente, com medo de que alguém se aproveitasse daqueles pensamentos tão íntimos. De uma só vez, rasguei todos os papéis e deitei-os fora, para nunca mais escrever nada semelhante. Aos 18 anos, saí da escola e fui trabalhar num escritório.

Embora continuasse a ser reservada e independente, o meu entusiasmo pela vida voltou a manifestar-se.

Em 1931, aos 22 anos, regressei a Viena para ver os meus pais. Já era uma mulher feita e viajei sozinha. Trabalhando há algum tempo, correspondia-me com eles e mandava-lhes dinheiro sempre que podia. Foi uma boa visita e, dessa vez, não houve nenhuma menção ao meu regresso à Áustria. Eu já era completamente holandesa. A menina vienense de 11 anos, faminta, com o cartão ao pescoço e um laço de algodão no cabelo, desaparecera. Eu era agora uma jovem e robusta holandesa.

Nenhum de nós pensou em mudar o meu passaporte durante as minhas visitas a Viena; por isso, nos documentos, eu ainda era cidadã austríaca. Mas quando me despedi da minha mãe, do meu pai e da minha irmã na Áustria, estava consciente da minha identidade. Sabia que iria continuar a escrever e a enviar dinheiro com regularidade, sabia que continuaria a visitá-los e que haveria de levar os meus filhos para os ver quando fosse chegada a altura, mas a Holanda haveria de ser, para sempre, o meu lar.